

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Curso de Especialização em Formação de Professores para Educação Básica

SÍLVIA CONCEIÇÃO ROCHA MANOEL

A FORMAÇÃO EM SERVIÇO E A ESCRITA DE RELATÓRIOS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Belo Horizonte
2019

SÍLVIA CONCEIÇÃO ROCHA MANOEL

A FORMAÇÃO EM SERVIÇO E A ESCRITA DE RELATÓRIOS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Formação de Professores para a Educação Básica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do certificado de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Orientadora: Profa. Danielle Alves Martins

Belo Horizonte

2019

M285f

Manoel, Sílvia Conceição Rocha, 1978-

A formação em serviço e a escrita de relatórios na educação infantil
[manuscrito] / Sílvia Conceição Rocha Manoel. - Belo Horizonte, 2019.
32 f.

Orientadora: Danielle Alves Martins.

Trabalho de conclusão de curso -- (Especialização) - Universidade Federal
de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Inclui bibliografia.

1. Educação pré-escolar -- Avaliação. 2. Professores -- Formação.
I. Título. II. Martins, Danielle Alves. III. Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.21

Catálogo da Fonte[†] : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Albert Torres - CRB6 2582

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica¹.)

* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO TERCEIRO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, SUJEITOS E PRÁTICA NO COTIDIANO
ESCOLAR

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “A formação em serviço e a escrita de relatórios na Educação Infantil”, do(a) aluno(a) **Silvia Conceição Rocha Manoel**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Danielle Alves Martins (orientador) e André Augusto Deodato. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 83 conceito B. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Silvia Conceição Rocha Manoel
Silvia Conceição Rocha Manoel

Registro na UFMG: 2018749581

Danielle Alves Martins
Danielle Alves Martins
Professor(a) Orientador(a)

André Augusto Deodato
André Augusto Deodato
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Dedico este trabalho, assim como todo o curso e o título pleiteado ao meu amado e saudoso pai, que sempre me incentivou a estudar e me deixou como bem maior a minha educação.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

À Professora Danielle, pela orientação, pelo aprendizado e apoio em todos os momentos necessários.

A todos os professores do curso, pelo muito que me ensinaram, especialmente à professora Maria Flores pela dedicação e apoio ao grupo nos momentos difíceis.

Aos meus colegas de classe, pela rica troca de experiências, em especial à Rosa, pelo incentivo e apoio constante.

Aos meus filhos pelo carinho e especial compreensão dos meus momentos de falta para com eles.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta construção.

RESUMO

Enquanto Coordenadora pedagógica uma de minhas atribuições é realizar a leitura dos relatórios descritivos do desenvolvimento das crianças e nessa leitura foi percebido uma discrepância de abordagem nos mesmos, então comecei a me questionar se as formações em serviço, que também são uma das atribuições do Coordenador, poderiam contribuir para melhoria da escrita dos relatórios. Portanto, a pesquisa objetivou compreender de que maneira a formação em serviço contribui para a elaboração de relatórios descritivos avaliativos das crianças na Educação Infantil. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, através de um plano de ação, que teve como foco as avaliações na Educação Infantil, o plano de ação se desenvolveu de março a junho na EMEI Santa Isabel, que está localizada no aglomerado da Serra, que atende crianças de 1 à 5 anos de idade. Para o desenvolvimento do plano de ação, foram selecionadas três professoras que denominamos como Trio de pesquisa. Os resultados apontam que houve não só mudanças positivas na escrita dos relatórios, como também no processo de avaliação das crianças, além da compreensão do relatório descritivo enquanto documento de registro do desenvolvimento da criança.

Palavras-Chave: Avaliação na Educação Infantil. Formação em serviço. Relatórios descritivos.

ABSTRACT

As a Pedagogical Coordinator one of my duties is to read the descriptive reports of children's development and in this reading I noticed a discrepancy in their approach, so I began to wonder if the in-service training, which is also one of the Coordinator's duties, could contribute to improved report writing. Therefore, the research aimed to understand how in-service training contributes to the preparation of evaluative descriptive reports of children in early childhood education. A qualitative research was carried out through an action plan, which focused on assessments in early childhood education, the action plan was developed from March to June at EMEI santa Isabel, which is located in the Serra cluster, which serves children from 1 to 5 years old. For the development of the action plan, three teachers that we call the research trio were selected. The results show us that there were positive changes in the writing of the reports, as well as in the process of evaluating the children, as well as understanding the descriptive report as a child development record document.

Keywords: Evaluation in Early Childhood Education. In-service training. Descriptive reports.

LISTA DE TABELAS E FICHAS

Tabela I – Composição das turmas no ano de 2019.....	18
Tabela II – Etapas do plano de ação.....	22
Ficha I – Avaliação individual do aluno.....	24

LISTA DE ABREVIATURAS

AEC - Atividade Extra Classe

BH - Belo Horizonte

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

FAE - Faculdade de Educação

LASEB - Curso de Especialização em Docência na Educação Básica

RME - Rede Municipal de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVO DA PESQUISA	13
2.1 Objetivo geral.....	13
2.2 Objetivos específicos.....	13
3. REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 UM BREVE OLHAR DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
3.2 O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO DOCENTE.....	15
4. CONTEXTO, METODOLOGIA E A INTERVENÇÃO REALIZADA	18
4.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	18
4.2 DOS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
4.3 CARACTERIZAÇÃO DO TRIO DA PESQUISA.....	19
4.4 A INTERVENÇÃO DESENVOLVIDA.....	20
5 ANÁLISE DOS DADOS	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objeto de estudo: o Coordenador Pedagógico, a formação de professores e o relatório descritivo avaliativo das crianças no contexto da Educação Infantil da rede municipal de Belo Horizonte. Há aqui a intenção de investigar se as formações em serviço contribuem ou não para um olhar avaliativo e de melhor qualidade, que possa contribuir para a escrita de relatórios mais elaborados e que tragam informações mais concisas da evolução da criança.

No ano de 2018, recebi o convite para participar das eleições para Coordenador Pedagógico da EMEI Santa Isabel da Rede Municipal de Belo Horizonte, onde leciono desde 2013. Após eleita, assumi a Coordenação e percebi que os desafios seriam maiores que eu imaginava, pois o Coordenador Pedagógico deveria se desdobrar em diversas funções, atendendo a diversas demandas, porém sem o prejuízo do foco nas questões pedagógicas.

Dentre as funções do Coordenador Pedagógico, uma delas é fazer leitura e correção dos relatórios descritivos das crianças, que é um documento que traz uma descrição avaliativa da criança e de seu desenvolvimento. No momento de leitura dos relatórios percebi a discrepância na escrita dos documentos, pois alguns traziam informações importantes das habilidades motoras, oral, cognitivas, sociais das crianças, enquanto outros elaboravam um relatório mais simples, com diferentes níveis de detalhamento dos aspectos de desenvolvimento das crianças. Isso levou ao questionamento: como eu, enquanto Coordenadora Pedagógica, poderia contribuir para que essa discrepância diminuísse, proporcionando uma escrita mais alinhada dos relatórios?

Em um primeiro momento, comecei a pensar em desenvolver formações em serviço, com temas sobre avaliação na Educação Infantil. Afinal, um dos atributos da Coordenação Pedagógica é contribuir com a formação do corpo docente.

Ao ingressar no Curso de Especialização em Docência da Educação Básica da Faculdade de Educação (LASEB/FAE) - Coordenação Pedagógica: práticas e cotidiano - me deparei com novos debates, discursos, práticas e cotidiano na Educação. Novos referenciais teóricos, metodológicos e concepções sobre Coordenação Pedagógica, que me levaram a pensar em várias ações que contribuíssem para a melhoria da qualidade da escrita dos relatórios. Ao longo do

curso as disciplinas ministradas apresentaram estratégias metodológicas, embasamento teórico, com predominância no trabalho em grupos.

Nesse sentido, elaborei um plano de ação para ser desenvolvido na EMEI Santa Isabel como grupo de professores que atuavam no segundo ciclo da Educação Infantil, que compreende crianças com idade entre 3 à 5 anos. Esse plano perpassou por três etapas que serão detalhadas mais à frente, além da pesquisa teórica que me ajudou a compreender melhor as questões levantadas.

No trabalho de Coordenação Pedagógica da EMEI Santa Isabel, observei que o grupo de professores em sua maioria dispõe de várias formas de registrar o acompanhamento da evolução da criança — quais sejam: desenhos, escritas, filmagens e áudios. Porém, são os registros coletivos que apresentam uma avaliação na perspectiva global do desenvolvimento — o que é muito importante para a reorganização do trabalho pedagógico. Entretanto, para a escrita do relatório individual do aluno é necessária uma reflexão de elementos mais específicos do desenvolvimento cognitivo da criança.

Soares (1998) afirma que cada criança possui uma natureza singular que a caracteriza como ser que sente e pensa o mundo de um jeito próprio. Buscar práticas como compreender, conhecer e avaliar a criança em sua individualidade, além de eleger instrumentos adequados, contribui para uma construção do relatório descritivo da evolução da criança. Conforme nos orienta as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Educação Belo Horizonte RME- BH em seu caderno Avaliação na Educação Infantil:

Buscar práticas de avaliação na Educação Infantil que envolvam uma consciência reflexiva, acompanhando os processos de desenvolvimento e aprendizagens das crianças de forma dialógica, cooperativa e compartilhada significa, entre outras coisas, eleger recursos e instrumentos adequados para o acompanhamento das ações pedagógicas (BELO HORIZONTE, 2012, p. 37).

Portanto, a presente pesquisa se justifica pela importância da avaliação na Educação Infantil, na perspectiva do acompanhar e do acolher. Ademais, a pesquisa é importante para o contexto da EMEI Santa Isabel, pois possibilitou a discussão de práticas recorrentes, permitindo a adoção de novos caminhos de acompanhamento das crianças e novas possibilidades para o seu aprendizado. Acredito também que a pesquisa poderá trazer contribuições para o campo de pesquisas sobre avaliação, visto que potencializará o diálogo entre avaliação e formação em serviço.

Considerando os argumentos tecidos para realização da pesquisa, a seguir apresentarei os objetivos da mesma.

2. OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1 Objetivo geral:

Compreender de que forma a formação em serviço contribui para a elaboração de relatórios descritivos avaliativos das crianças na Educação Infantil.

2.2 Objetivos específicos:

- Analisar os relatórios produzidos anteriormente à intervenção e os produzidos posteriormente.
- Compreender de que forma as professoras analisam a própria participação nos momentos formativos e na elaboração dos relatórios.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste momento, buscou-se fazer uma revisão teórica sobre a temática proposta com base nos seguintes autores: Celso dos S. Vasconcelos em “Coordenação do Trabalho Pedagógico do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula” (VASCONCELOS, 2019), Jussara Hoffmann em “Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança” (HOFFMANN, 2015), além das Proposições Curriculares da Rede Municipal de Belo Horizonte (BELO HORIZONTE, 2012), principalmente o caderno de Avaliação na Educação Infantil, dentre outros. Com intuito de aprofundarmos na temática, além de fornecer subsídios para a análise dos dados coletados na pesquisa.

3.1. UM BREVE OLHAR DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A avaliação na Educação Infantil ainda é um desafio na perspectiva de avaliar e identificar o que as crianças já sabem, o caminho que elas estão percorrendo e seus avanços. Uma avaliação que baseia o olhar para as conquistas das crianças e não para aquilo que falta é uma avaliação incompleta. A avaliação se torna uma ferramenta importante quando a habilidade que a criança ainda não desenvolveu serve de parâmetro para o planejamento do professor. Nesse sentido, observação, planejamento, mediação, registro e reflexão são componentes da prática educativa e, por conseguinte, dos processos de avaliação.

Em uma concepção de avaliação dinâmica e significativa, não há uma única ou melhor forma de avaliar:

Considerando-se que a avaliação se aplica aos diversos domínios da atividade humana, seja nas tarefas mais simples e nas ações mais informais até as reflexões e resoluções mais complexas que requerem uma análise organizada e sistemática, pode-se concluir que o ato de avaliar orienta e define as frequentes opções realizadas pelas ao longo de suas vidas (BELO HORIZONTE, 2012, p. 10).

Refletir sobre avaliação na Educação Infantil é complexo ao se considerar questões que lhes são inerentes como o currículo, concepções de infância na atualidade, teoria de construção do desenvolvimento infantil e também as políticas públicas educacionais para crianças de 0 a 5 anos de idade. Todas essas questões necessitam estabelecer conexões ao repertório infantil.

A rede municipal de educação de Belo Horizonte (RME-BH), através das Proposições Curriculares para a Educação Infantil, apresenta um caderno denominado “Desafios da prática, Avaliação na Educação Infantil”, que direciona para as concepções e os procedimentos de avaliação na Educação Infantil e define como ato de avaliar:

O ato de avaliar é inerente ao ser humano. Vianna (2000, p.22) adverte que se pode ousar dizer “que a avaliação surgiu com o próprio homem”, já que “desde o processo civilizatório sempre houve alguma forma de avaliação”. Ao longo de toda trajetória da atividade humana é possível perceber a presença da avaliação, o que comprova que avaliar é um componente imprescindível na construção da história e da humanização dos indivíduos. A avaliação nesta perspectiva, diz respeito às ações humanas de observação, análise, comparação, julgamento e atribuição de valor a partir de determinado conjunto de critérios definidos e validados pelo indivíduo que avalia (BELO HORIZONTE, 2012, p.9).

Avaliar não se restringe a fazer um diagnóstico das capacidades da criança, mas é ter um olhar estudioso, que observa e acompanha as manifestações das crianças, considerando toda a diversidade que a criança traz consigo, nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Uma vez que a pertinência e a eficácia do instrumento utilizado para se avaliar depende da intencionalidade do professor, do contexto que a proposta se coloca, dos atores envolvidos no processo e tantos outros fatores relacionados e por todas essas variáveis, faz-se necessário selecionar os recursos avaliativos que irão registrar as experiências, não sendo coerente avaliar a criança com práticas comparativas ou padronizadas. As atitudes e comportamentos são variáveis de uma criança para outra conforme nos orienta Hoffmann (2015):

Crianças pequenas são permanentemente ativas, explorando incessantemente o seu entorno e extremamente curiosas sobre todas as coisas. Aprendem pela sua incessante exploração do mundo exterior, pela interação com os adultos e as outras crianças, mas gradativamente, ou seja, na dependência de suas possibilidades em cada etapa. Não há o que considerar “normal” ou não para determinada faixa etária. De uma criança para outra, as reações são diferentes, sua evolução é singular, única (HOFFMANN, 2015, p.28).

Ou seja, é um estado de observação, onde o docente acompanha e estuda a história da criança e seu processo de desenvolvimento, é reflexivo por natureza e alimenta o fazer pedagógico consciente. Não há como se falar em avaliação sem considerar o acompanhamento, não é possível desvincular essas duas ações. A avaliação não pode ser entendida como um produto final, que se verifica onde a criança chegou, mas sim como um processo pelo qual a criança está percorrendo.

3.2. O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Diante de tantas transformações ocorridas na sociedade atual e também na educação, muitas são as inquietações do Coordenador Pedagógico que desempenha múltiplas funções no cotidiano escolar. Tais funções são, a meu ver, muitas vezes mal compreendidas e mal delimitadas pelos documentos norteadores e até mesmo pelo corpo docente, cabendo a esse profissional a difícil tarefa de articular, organizar, incentivar e formar os docentes na busca por qualidade na educação. Com tantos desafios e exigências, necessário repensar o espaço construído pelo Coordenador Pedagógico na perspectiva de dar conta das inúmeras funções que a prática educativa exige. Além disso, é preciso fazer com que se cumpra, mesmo nas adversidades, a sua função primordial de formação continuada de sua equipe docente.

Já o trabalho docente, muitas vezes é intensamente marcado pelo individualismo, pois é cada um desenvolvendo seu trabalho em sala de aula. No entanto, sabemos que a fragmentação do trabalho fragiliza as estratégias e a convivência reflexiva. A tarefa exercida pelo professor é extremamente importante e complexa e ele deve estar preparado para exercê-la e daí a importância da formação em serviço. O trabalho coletivo favorece a reflexão sobre as diferentes formas de trabalho realizadas no interior da escola, pois

A escola não pode ser vista apenas como local de trabalho; deve ser ao mesmo tempo espaço de formação. É preciso investir prioritariamente na formação permanente e em serviço do professor, para que possa ter melhor compreensão do processo educacional, postura e método de trabalho mais apropriados. O trabalho coletivo e constante é uma estratégia decisiva para isso (VASCONCELOS, 2019, p. 179).

A formação é uma das etapas de preparação profissional docente, podendo acontecer de diferentes formas: cursos, estudos, troca de experiência entre pares, mas acima de tudo é primordial que ela seja necessariamente uma prática constante no próprio espaço da escola, junto ao Coordenador Pedagógico. O Coordenador é então o grande articulador da formação em serviço, organizando a reflexão, a participação e os meios de concretização da mesma, de tal forma que esse fomento não se torne uma reunião de relatos. Pois, a prática pela prática acrescenta pouco a formação. É preciso pensar e repensar a prática através de estudos sistematizados como orienta Vasconcelos 2019:

Ter a prática como objeto, contudo, não pode significar uma “feira” de relatos de experiência, onde um fala, o outro fala, mas não há confrontos das práticas, entre si e com o referencial da escola, em que nada é sistematizado...É preciso que seja atravessada pela visão crítica. O processo de mudança da realidade exige a prática (o que muda a realidade é a ação), bem como a reflexão sobre ela (uma vez que não é qualquer ação que produz a mudança que desejamos). O foco principal do estudo deve ser, pois, a prática objetiva do grupo (VASCONCELOS, 2019, p. 182).

O Coordenador Pedagógico é um agente da formação continuada de professores de forma individual ou coletiva, direcionada na ação didático-pedagógica no processo de ensino aprendizagem de alunos, isto é, pertinente à sala de aula, reconhecendo limites e ressignificando a prática pedagógica.

É dever do Coordenador Pedagógico, por meio de estratégias de mediação de conhecimentos teóricos e experiências, fomentar o processo de compartilhamento entre teoria e prática na formação em serviço, considerando as relações interpessoais. Vale ressaltar que os momentos coletivos são propícios para a troca de experiência, elaboração de projetos e atividades conjuntas que a escola realiza e quando bem articulados podem promover mudanças na prática docente. Não esquecendo que o professor precisa de apoio para executar seu trabalho.

Diante das afirmações antes apresentadas não poderíamos deixar de trazer como a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte regulamenta o trabalho do Coordenador Pedagógico. Conforme decreto 17.005 de 31 de outubro de 2018 no artigo 3 que trata das atividades das funções públicas do Coordenador:

Art. 3º – São atividades das funções públicas comissionadas de Coordenador Pedagógico Geral I e de Coordenador Pedagógico Geral II, nos termos do parágrafo único do art. 14 da Lei nº 11.132, de 2018:

I – responsabilizar-se pelos processos de gestão da frequência escolar, da permanência, da aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes;

II – responsabilizar-se pela articulação entre os diversos programas e projetos educacionais desenvolvidos na unidade escolar;

III – planejar e organizar os conselhos de classe de cada nível ou modalidade de ensino como instância máxima dos processos avaliativos;

IV – coordenar as ações de formação continuada para professores;

V – articular, em conjunto com a equipe de coordenação pedagógica da unidade escolar, o planejamento participativo da gestão pedagógica, com vistas à promoção da aprendizagem e da permanência dos estudantes;

VI – participar de cursos de atualização e aperfeiçoamento promovidos ou ofertados pelo Poder Executivo;

VII – responsabilizar-se por outras atividades que, em virtude de sua natureza ou de disposições regulamentares, estejam circunscritas ao âmbito de sua competência;

VIII – apoiar as ações instituídas na unidade escolar com vista à construção coletiva do projeto político pedagógico da unidade escolar e coordenar sua execução e permanente atualização;

IX – apresentar estudos, relatórios ou dados relativos aos processos de avaliação demandados pelo diretor da unidade escolar;

- X – zelar pelo atendimento à comunidade escolar nas questões relativas à atividade educacional e à vivência escolar dos educandos;
- XI – apoiar o diretor nas atividades administrativas e substituí-lo, em sua ausência, nas Emeis em que não houver vice-diretor;
- XII – desenvolver outras atividades definidas em regulamento próprio ou que, em virtude de sua natureza, estejam circunscritas ao âmbito de sua competência.

No item IV podemos observar explicitamente a atividade do Coordenador Pedagógico de formação continuada para os professores. Ou seja, a RME em consonância em tudo já foi dito regulamenta o papel do Coordenador Pedagógico e sua atribuição de formador do corpo docente.

4. CONTEXTO, METODOLOGIA E A INTERVENÇÃO REALIZADA

4.1. CONTEXTO DA PESQUISA

A intervenção foi realizada na EMEI Santa Isabel da Rede Municipal de Belo Horizonte, que se localiza no aglomerado da Serra, na regional centro sul de BH.

A EMEI atende crianças de 1 a 5 anos que se divide em 1º ciclo, que compreende idades entre 0 à 2 anos, e 2º ciclo¹ idades entre 3 à 5 anos, que em sua maioria, estão em situação de alta vulnerabilidade social. São duas turmas em horário integral de 7:30h às 17:00h, cinco turmas em horário parcial/manhã de 7:30h às 11:30h e quatro turmas em horário parcial/tarde de 13:00h às 17:00h, conforme tabela a seguir.

TABELA I - Composição das turmas de 2019

Turma	Nº de crianças	Tipo
1 ano	13	Integral
2 anos	16	Integral
1 ano	12	Parcial manhã
1 ano	10	Parcial manhã
2 anos	12	Parcial manhã
3 / 4 Anos Flex ²	15	Parcial manhã
5 anos	14	Parcial manhã
3 anos	15	Parcial tarde
4 anos	8	Parcial tarde
4 anos	11	Parcial tarde
5 anos	14	Parcial tarde

Fonte: Elaboração própria.

No momento em que foi desenvolvida a pesquisa, de março à setembro de 2019, a escola tinha 140 alunos e 22 professores. Do total de professores foram selecionadas 3 professoras para participar da pesquisa: Lúcia, Maria e Graça³. Na seção 4.3, apresentamos as professoras, o que denominamos por TRIO da

² Turma Flex, compreende uma turma mista com idades de 3 e 4 anos.

³ Para preservar a identidade das professoras, os nomes utilizados são fictícios.

pesquisa, levando em consideração a formação acadêmica, o tempo de docência e tempo de Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte RME-BH.

4.2. DOS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foi desenvolvida uma intervenção de cunho qualitativo. Esta pesquisa foi adotada pela intenção de realizar observações e questões subjetivas em relação ao processo avaliativo das crianças, além de observar questões descritivas nas fichas avaliativas. Ademais, a pesquisa qualitativa possibilita, pelo caráter da razão dialética, buscar interpretar significados culturais e fenômenos sociais, que pode integrar a escola em seu mais profundo teor, pois a escola é formada por diversas culturas.

Esse tipo de pesquisa visa a abordar o mundo “lá de fora” (e não em contextos especializados de pesquisa de laboratórios) e entender, descrever e às vezes explicar os fenômenos sociais “de dentro” de diversas maneiras diferentes: analisando experiências de indivíduos ou grupos. As experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se, conhecimentos, relatos e histórias de dia a dia (BORTONI, STELLA, 2008, p.8)

Essa abordagem de pesquisa condiz muito com os processos vividos na escola, e pela pesquisa conter um plano de ação a ser desenvolvido, as interações são por meio de uma observação participante.

Os pesquisadores em si, são uma parte importante do processo de pesquisa, seja em termos de sua própria presença pessoal na condição de pesquisador, seja em termos de sua experiência no campo e com a capacidade de reflexão que trazem do todo, como membros do campo que se está estudando (ANGROSINO, 2009, p.9)

Por desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativa, selecionei como principais instrumentos de coleta de dados, a análise de materiais, a observação participante e entrevista. A análise de materiais foi necessária para verificar os relatórios produzidos pelas professoras antes e depois da intervenção. Já a observação participante foi necessária para observar e participar ao longo dos encontros de formação com as professoras. E por último, utilizei as entrevistas para saber questões mais pontuais sobre as experiências das professoras na participação na pesquisa e no preenchimento dos relatórios. As entrevistas foram realizadas individualmente no mês de setembro de 2019.

4.3. CARACTERIZAÇÃO DO TRIO DA PESQUISA

Mais especificamente, os encontros ao longo da pesquisa foram realizados com três professoras que lecionam no 2º ciclo, na qual denominei por TRIO da pesquisa: Lúcia, Maria e Graça. A opção por estas professoras se deve a três fatores: porque elas se mostraram disponíveis em participar da pesquisa; porque as mesmas eram professoras do 2º ciclo, o que, a meu ver, é o período onde há maior possibilidade de observar a evolução do processo de alfabetização da criança; e por último, pois era possível reuni-las em um mesmo período.

As professoras Maria e Lúcia estavam como regentes das turmas, onde a professora Lúcia lecionava para uma turma com crianças de idade mista com de 3 e 4 e a professora Maria lecionava para uma turma de crianças de 5 anos. Na turma de Lúcia havia 14 crianças e na turma de Maria havia 13 crianças. Já a professora Graça estava como apoio das professoras Maria e Lúcia, ou seja, as regentes ficavam responsáveis pela turma e desenvolviam seu trabalho diariamente com a turma por 3 horas e 30 minutos e a professora que estava como apoio assumia a turma por apenas 1 hora diária.

A professora Lúcia iniciou sua formação acadêmica em Matemática, porém ao longo do curso pediu transferência para Pedagogia no qual se formou pela Faculdade Newton de Paiva em 2006. Ela possuía 20 anos de experiência em docência na Educação Infantil e estava na RME há 7 anos.

Outra participante da nossa pesquisa, professora Maria, graduou-se em Normal Superior pela Fundação Helena Antipoff em 2006. A professora possuía 19 anos de experiência na Educação Infantil: 11 anos em uma mesma escola da rede particular de ensino e 4 anos na RME.

Já a professora Graça é Pedagoga formada pela Faculdade Estácio de Sá em 2015 com 13 anos de experiência na docência na Educação Infantil e a 2 anos lecionava na RME.

É importante ressaltar que todo o tempo de magistério do TRIO é na Educação Infantil e que todas têm Pós-Graduação Lato-Sensu nas áreas afins da Educação. A seguir, pretende-se descrever como foi realizada a intervenção.

4.4. A INTERVENÇÃO DESENVOLVIDA

Em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa de campo cujo plano de ação que ocorreu de março a junho de 2019, se desenvolveu em três etapas (1, 2 e 3). De forma geral, na etapa 1 buscamos discutir sobre questões teóricas sobre a avaliação. Já na etapa 2, nos dedicamos a fazer as fichas avaliativas. E por último, na etapa 3 buscamos realizar novas discussões sobre os formulários. As etapas serão discutidas de forma mais detalhada a seguir.

Na Etapa 1, realizam-se formações em serviço através de estudos, discussões e reflexões de dois textos sobre avaliação na Educação Infantil. O primeiro texto foi o caderno “Desafios da Prática, Avaliação na Educação Infantil” que compõe as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte — documento norteador para professores da rede municipal de Belo Horizonte. O outro texto foi o artigo “Avaliação na Educação Infantil: um breve olhar na avaliação da aprendizagem”, da autora Tânia Zanata Silva. Essa formação aconteceu nos horários denominados atividade extraclasse, comumente chamado por AEC, que são horários que o professor tem fora de sala para realização de atendimentos aos pais, estudos e formações, elaboração de material pedagógico, encontro com a Coordenação, reuniões administrativas, dentre outros que se fizer necessário. Junto ao TRIO de professoras fiz dois encontros para a formação em serviço: um em abril e o outro em maio. Nos encontros tivemos como foco realizar leitura, discussões e reflexões dos textos citados acima.

Para elaborar a Etapa 2, pensei nas relações estabelecidas pelas crianças no cotidiano escolar, suas posturas, atitudes, ações, conhecimentos, que são passíveis de observações por parte dos professores, definidoras de maior compreensão sobre o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Também levei em conta as orientações das Proposições da RME-BH, que diz

Ao observarem, professores e educadores têm uma rica oportunidade de refletir sobre as hipóteses os jeitos de fazer, de ser e de conviver, na perspectiva de sinalizar as conquistas, as dificuldades e as possibilidades no processo de desenvolvimento e aprendizagem de cada criança (BELO HORIZONTE, 2012, p.32).

Vale destacar que, atreladas às observações, temos os registros que são recursos para a memória, que podem ser apresentados de diversas formas

O registro pode ser feito de várias formas e em diferentes suportes. Pode se registrar por meio da escrita, de desenhos, de imagens ou gravações. Da mesma forma, é possível registrar em distintos momentos, com a realização da anotação imediata chamada in loco ou recuperando os acontecimentos por meio da memória. O registro in loco é feito junto com a observação, o que aumenta o número de informações e dados relevantes acerca do fato, facilitando a reflexão e avaliação. Ao mesmo tempo, tende a ser um registro

rápido pois acontece na ação, junto às crianças o que inviabiliza uma redação longa. Já o registro “de memória” é realizado após a observação. (BELO HORIZONTE, 2012, p.34.)

Desta forma, como parte do meu plano de intervenção, ofertamos as professoras duas formas de registros: uma ficha avaliativa de memória e um bloquinho de anotações para registro *in loco*.

Foi elaborada uma ficha avaliativa diagnóstica inicial. Esta ficha foi descrita em tópicos contemplando habilidade de acordo com o desenvolvimento de cada idade baseada nas Proposições Curriculares da RME. Cada professora do TRIO trouxe suas contribuições das habilidades para cada idade, com total liberdade de inserir ou excluir tópicos que serviram de subsídio para a escrita do relatório de desenvolvimento da criança no primeiro semestre. A seguir, apresento uma das fichas que foi elaborada junto às professoras.

FICHA I - Avaliação individual do aluno

AVALIAÇÃO INDIVIDUAL – 5 ANOS			
DESENVOLVIMENTO DAS LINGUAGENS (ORAL, ESCRITA, PLÁSTICA, VISUAL, MUSICAL, CORPORAL E MATEMÁTICA)			
ASPECTOS COGNITIVOS	Av. Inicial	1º S	2º S
Expressa-se de forma compreensível			
Elabora questionamentos e responde a perguntas			
Cria e reproduz histórias e fatos			
Apresenta pronúncia correta das palavras			
Segura o lápis de forma adequada			
Utiliza a tesoura de forma adequada			
Apresenta autonomia para realizar atividades do cotidiano			
Constrói formas com brinquedos e massa de modelar			
Manuseia livros, papéis e revistas sem danificá-los			
Representa a figura humana com detalhes			
Usa adequadamente o espaço da folha			
Colore obedecendo ao limite do próprio desenho			
Domina o conhecimento de noções espaciais (dentro e fora), de grandeza (grande e pequeno, curto, comprido, do mesmo tamanho) e de capacidade (cheio e vazio), de quantidade (muito e pouco, mais e menos), de peso (leve, pesado), de tempo (ontem, amanhã, hoje) e largura (grosso, fino, largo, estreito)			
Identifica, reconhece e nomeia partes do corpo			
Realiza contagem oral e escrita (até 20)			
Realiza contagem oral e escrita			
Nomeia e identifica cores			
Faz associações e diferenças entre objetos, pessoas, animais e outros			
Realiza sequenciação de brinquedos, objetos e números			
Identifica, reconhece e representa letras			
Identifica, reconhece e representa números			
Percebe os valores sonoros da escrita (fonemas/grafemas)			
Escreve o nome se auxílio da ficha			
Associa letras a nomes conhecidos			
Reproduz palavras escritas			
Realiza escrita espontânea			
Consegue elaborar estratégias em jogos que exijam raciocínio (quebra-cabeça, jogo da velha, dominó, memória e outros.)			
Apresenta tempo de concentração adequado à faixa etária			
Consegue fazer relaxamento			
ASPECTOS SOCIAIS			
Demonstra alegria ao entrar na escola			
Consegue brincar em grupo			
Respeita regras de convívio social			
Demonstra alegria ao brincar com outras crianças			
Relaciona-se bem com os colegas			
Participa de atividades que envolvam outras pessoas além do grupo de sala de aula			
Manifesta comportamento agressivo (chutar, bater, morder e outros)			
Apresenta facilidade em dividir brinquedos e objetos			
Apresenta hábitos de higiene saudáveis			
Apresenta hábitos alimentares saudáveis			
Zela pela conservação do material de uso coletivo			
Consegue cumprir combinados			
Necessita de estímulo para alimentar-se			
Soluciona pequenos conflitos			
LEGENDA			
ED - Em Desenvolvimento	Desenvolvimento		
DD - Demonstra Dificuldades	S - Sim		
N - Não	AV - Às Vezes		

Fonte: elaboração própria.

Essa ficha avaliativa foi preenchida no início do semestre e o seu preenchimento foi, como parâmetro de comparação da evolução das crianças, ao final do semestre.

Junto à ficha avaliativa entreguei também para o TRIO um pequeno bloquinho para anotação cotidiana dos avanços das crianças. Já que no momento da escrita dos relatórios a maioria dos professores conta apenas com a memória para registrar os ganhos que as crianças obtiveram ao longo do semestre. A organização dessas anotações fica a critério do professor como descreve as proposições:

A organização deste caderno será inteiramente do profissional, pois a forma de registro deve ser aquela que o atender melhor. Alguns professores e educadores separam uma ou duas páginas para cada criança, outros fazem anotações por dia e ali registram o que houve de mais significativo tanto na condução das práticas quanto nas manifestações das crianças. Outros fazem registros em forma de fichários, bloco de anotações ou quadro de lembretes. Outros ainda fazem registros conciliando vários formatos. Enfim, é um material de uso individual dos professores e educadores e deve ser adequado a suas características e necessidades (BELO HORIZONTE, 2012, p.46.)

Por último, para organizar a etapa três, levamos em conta que para o fechamento de um ciclo de avaliação é necessário que os professores venham a retomar os registros e reflitam sobre eles. Assim, organizamos encontros com os pares, Lúcia e Graça em um momento, para discutirmos os avanços das crianças de 5 anos, e, em outro momento, com Lúcia e Maria, para discutirmos os avanços das crianças de 3/4 anos. Isso foi feito nos horários AEC visando compartilhar e discutir as observações em relação a cada criança e também definir qual estrutura teria os relatórios e quais aspectos do desenvolvimento das crianças seriam contemplados. As proposições refletem a importância desse processo de reflexão entre os pares:

Esse processo de reflexão será um tanto mais rico quanto mais compartilhado ele for. Discutir e trocar idéias como os outros professores e educadores [...] colher opiniões e dialogar com as famílias e com a coordenação pedagógica são atitudes essenciais para a maior abrangência das interpretações (BELO HORIZONTE, 2012, p.36).

Destaco também que, no final desse processo, fiz uma avaliação com intuito de saber das professoras participantes da pesquisa se a ficha avaliativa diagnóstica, o bloquinho de anotações, as formações e os encontros para discussões das observações dos avanços dos alunos contribuíram para a escrita dos relatórios avaliativos das crianças.

Ao final do projeto de intervenção, fiz a leitura dos relatórios junto às professoras com o intuito de perceber se houve mudanças no padrão de escrita dos

relatórios, tendo como comparativo os relatórios escritos pelas mesmas no final de 2018.

O projeto de intervenção foi pensado na formação em serviço para que as professoras participantes da pesquisa pudessem construir recursos de acompanhamento do desenvolvimento das crianças e tivessem material para subsidiar a elaboração dos relatórios.

No quadro a seguir, apresento uma síntese das etapas desenvolvidas durante a intervenção.

TABELA II - Etapas do plano de ação

ETAPAS DO PLANO DE AÇÃO	
ETAPA 1: Formação em serviço	
Abril	Reflexões e discussões sobre avaliação na Educação Infantil, baseado no caderno: Desafios da Prática, Avaliação na Educação Infantil.
Maio	Estudo e debate do artigo: Avaliação na Educação Infantil: um breve olhar da aprendizagem.
ETAPA 2: Formas de registro	
Março	Ficha avaliativa diagnóstica inicial
Junho	Ficha avaliativa diagnóstica final
Março	Entrega do bloquinho de anotações
Junho	Retomada das anotações realizadas
ETAPA 3: Encontro dos pares	
Junho	Encontro das professoras regentes com a professora apoio para se compartilhar e discutir as observações avaliativas feitas ao longo do semestre e definir a estrutura do relatório avaliativo descritivo do 1º semestre de 2019.

Fonte: elaboração própria.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados apresentados nesta seção foram realizados com base nas análises da pesquisa de campo desenvolvida por meio do projeto de intervenção, que subsidiou a coleta de dados. Levamos em conta as observações e as entrevistas realizadas. A seguir vamos analisar as contribuições da formação em serviço para a elaboração dos relatórios. Ademais, pretendemos verificar se os momentos formativos contribuíram para a melhor compreensão — pelas professoras — da importância dos relatórios avaliativos na Educação Infantil.

Iniciaremos pelos instrumentos propostos pela coordenação pedagógica para registrar os possíveis avanços de desenvolvimento das crianças e sua utilização por parte do TRIO (o caderno e a ficha).

A ficha avaliativa diagnóstica elaborada em tópicos e baseada nas proposições curriculares foi preenchida pelas três professoras, porém foi utilizada como recurso de memória somente pelas professoras Lúcia e Maria. Ambas relataram ter utilizado a ficha como apoio na escrita dos relatórios de desenvolvimento das crianças, considerando relevantes para comparações de como cada criança iniciou o semestre e seus avanços ao longo do mesmo. A professora Graça relatou que, apesar de preencher a ficha, não a utilizou como apoio no momento da escrita dos relatórios.

Acredito que o fato de uma professora não ter utilizado a ficha pode estar relacionado à organização que a mesma apresenta na escrita dos relatórios sendo uma escrita pouco objetiva.

Quanto ao bloquinho de anotações, a professora Lúcia começou a registrar algumas percepções suas em relação às crianças, mas, ao longo do semestre, desistiu dos registros. Portanto, o bloquinho foi uma ferramenta pouco utilizada pela professora na escrita dos relatórios. Já a professora Maria não realizou registros não tendo, portanto, subsídios deste instrumento na escrita dos relatórios. A professora Graça utilizou o este instrumento durante o semestre registrando suas percepções dos avanços das crianças. Ela organizou uma página para cada criança e registrou *in loco* os acontecimentos. Ela datou os acontecimentos o que ajudou a dar uma cronologia dos avanços das crianças.

Essa professora relatou que retomar as memórias descritas no bloquinho foi um facilitador no momento da escrita dos relatórios, não precisando contar apenas

com a memória. Afirmou também que datar os acontecimentos foi importante para se perceber cronologicamente o desenvolvimento das crianças.

A ficha avaliativa e o bloquinho de anotações se fizeram instrumentos importantes ou mesmo reveladores das memórias dos desenvolvimentos das crianças, o que Hoffmam (2015) denomina de “exercício do aprendizado do olhar”. Instrumentos simples, mas que arquivam detalhes, que no momento da construção de um relatório, podem subsidiar um olhar avaliativo de situações que poderiam passar despercebidas. Segundo Hoffman (2015):

Esse exercício é o ponto de partida para a avaliação mediadora na Educação Infantil. Ao fazê-lo, estaremos prestando atenção nelas, individualmente, exercitando um olhar investigativo e curioso sobre cada uma. Esse olhar não tem por bases listas de comportamento definidas e não tem por intenção “mostrar/comprovar a alguém o elas fazem” mas descobrir como elas são de fato, um olhar espontâneo e que respeita a criança e sua espontaneidade (HOFFMANN, 2015, p.63).

Nesse contexto, podemos perceber que os instrumentos ofertados pela Coordenação Pedagógica foram utilizados de formas distintas pelo TRIO, onde cada professora se apropria dos instrumentos de registro da forma que melhor lhe atende. Ao final do período, de alguma forma, os instrumentos de registro foram utilizados para subsidiar a escrita do relatório descritivo.

Devemos considerar que observar e registrar é subjetivo a cada pessoa e essa prática pode se aprimorar ao longo de sua experimentação. Belo Horizonte (2012) aponta a importância de se aperfeiçoar: “Torna-se necessário, portanto, educar o olhar para a observação. Essa educação será resultado de exercícios contínuos e frequentes, pois o aperfeiçoamento profissional é interminável.”BELO HORIZONTE, 2012, p.33).

Dentro desse aperfeiçoamento o projeto de intervenção promoveu momentos de estudo e reflexões que trataram da avaliação na Educação Infantil, no intuito de qualificar e despertar o olhar do corpo docente com relação às diversas formas de avaliação e os recursos que podem contribuir para subsidiar essa avaliação e por conseguinte a escrita dos relatórios. Em conversa com o TRIO, foi possível perceber esses momentos de estudos e reflexões foram de grande valia para significar a importância do ato de avaliar, com um olhar mais observador e utilizar de recursos que resgatem a memória dos avanços das crianças.

Essas questões são importantes para que, na hora de se registrar esses avanços na redação do relatório, não se contar apenas com a memória do professor,

o que pode debilitar a avaliação devido ao esquecimento. Pela minha experiência e conhecendo melhor sobre a literatura da área, pude perceber que é um hábito dos professores das instituições, em especial da Educação Infantil, contar apenas com memória para se registrar as observações dos avanços, retrocessos e necessidades das crianças. A importância da intervenção foi relatada, por exemplo, pela professora Lúcia

*“O estudo dos textos norteou bem o olhar, quais habilidades observar e investir no desenvolvimento dos meninos”.*⁴

Como podemos observar na fala da professora, a formação extrapolou seu objetivo inicial de nortear sobre como avaliar. Podemos dizer que a formação foi além do esperado, demonstrando como através da observação podemos investir no desenvolvimento dos alunos, ou seja, perpassa por outro viés, o do planejamento pedagógico, que não se trata do nosso objeto de estudo, mas está atrelado a todo o processo. Na análise de Belo Horizonte (2012)

As ações de um ciclo de avaliação têm desdobramentos e produzem muitos outros ciclos, num processo que se retroalimenta incessantemente. O essencial a se considerar é sempre o papel dos professores e educadores como agentes organizadores e mediadores tanto da prática pedagógica quanto do desenvolvimento e aprendizagens das crianças. Ambos interdependentes. BELO HORIZONTE, 2012, p. 36).

Como apresentamos anteriormente, para encerrar o plano de ação, foram promovidos os encontros de pares para dialogar sobre as anotações e percepções de cada professor, para estabelecer parâmetros para a escrita dos relatórios. Belo Horizonte (2012) retrata a importância do diálogo nas análises da avaliação:

Avaliação na Educação Infantil precisa se estabelecer na constante perspectiva do diálogo: abertura dos professores e educadores para consigo mesmos, abertura e disponibilidade deles para com as crianças, das crianças umas com as outras, das crianças consigo mesmas dos professores e educadores com a coordenação pedagógica e com os demais colegas de trabalho, da instituição com as famílias e com a comunidade. Diálogos que visem a aproximação entre esses atores na busca pela compreensão dos pontos de vista, de modo a pensar, das expectativas, dos argumentos de cada um. Tudo isso em função do constante aprimoramento dos processos pedagógicos por meio da análise, reflexão, discussão, investigação, registro e planejamento (BELO HORIZONTE, 2012, p.23).

Sobre esse momento do plano de ação, as opiniões do TRIO de pesquisa foram unânimes: todas consideraram de grande relevância esse momento de

⁴ Entrevistada: Lúcia [nome fictício]. Entrevista concedida a Sílvia Conceição Rocha Manoel. Belo Horizonte, 10 set. 2019.

encontro, devido à falta de oportunidade de se fazer esses encontros ao longo do semestre. Como é perceptível na fala da professora Graça:

“Nosso dia a dia é tão corrido que não conseguimos parar para conversar sobre como está cada criança, foi muito bom esse momento.”⁵

Ou seja, o plano de ação trouxe para o grupo um novo formato de trabalho avaliativo onde se percebeu a importância da avaliação processual, reflexiva e intencional.

O relatório descritivo é essencial para dar conhecimentos as famílias sobre o trabalho educativo que é ofertado a sua criança. Sendo um direito das famílias e uma obrigação de toda instituições de Educação Infantil, conforme orienta a Lei 12.796 de 2013 que altera a LDB 9394/96, inciso V:

Artigo 31. A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

- I – avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental;
- II – carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional;
- III – atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral;
- IV – controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas;
- V – expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Portanto o relatório é um documento que nos traz informações sobre os processos vividos pela criança na Educação Infantil e precisa ser objetivo, com uma linguagem que possa suprir as necessidades das famílias. Nessa direção, Belo Horizonte (2012) diz que “é necessário que os relatórios tenham uma linguagem clara e acessível à compreensão de todos.”

Diante de todo esse contexto chegamos ao ponto crucial da minha pesquisa, a leitura dos relatórios de fechamento do primeiro semestre. Recorri aos relatórios escritos pelas professoras do TRIO no final de 2017 a fim de estabelecer um parâmetro de comparação aos relatórios de fechamento de primeiro semestre de 2019.

Ao comparar, pude perceber que a estrutura dos relatórios foi o que mais mudou, as professoras organizam os relatórios por habilidades, ou seja, uma parte do relatório descrevendo as habilidades motoras, outra descrevendo habilidades

⁵ Entrevistada: Graça [nome fictício]. Entrevista concedida a Sílvia Conceição Rocha Manoel. Belo Horizonte, 10 set. 2019.

sociais e outra sobre as habilidades cognitivas. Essa organização traz avanços no sentido que, a família ao fazer a leitura tem a oportunidade de entender melhor, dentro de cada habilidade se sua criança progrediu ou não.

Já na descrição dos aspectos de desenvolvimento das crianças, percebi que nos relatórios escritos por Lúcia e Maria havia maior detalhamento dos avanços do desenvolvimento de cada criança, inclusive de como a criança iniciou o semestre e suas conquistas ao longo do mesmo. Acredito que esse maior detalhamento pode estar ligado ao uso do instrumento de registro, ficha avaliativa, já que ambas utilizam desse recurso, que tem como variados itens de avaliação, o que pode ter contribuído neste detalhamento no momento da escrita.

Nos relatórios da professora Graça também foi observado um maior detalhamento do desenvolvimento das crianças se comparado ao do semestre anterior, porém com uma quantidade menor de informações em relação aos das professoras Lúcia e Maria. O que também pode ser relacionado ao uso do instrumento de registro escolhido por Graça, o bloquinho de anotações, que apesar de ser um apoio no momento da escrita, é mais restrito de informações com relação à ficha avaliativa.

Portanto, percebemos de acordo com a pesquisa, que os instrumentos de registros são essenciais para subsidiar a escrita dos relatórios, levando em consideração que a ficha avaliativa foi um suporte de melhor qualidade e o bloquinho de anotações se apresentou um suporte importante, porém restrito. Assim, analisamos que a utilização de ambos em concomitância se apresenta como ideal para alimentar a escrita de um relatório que seja mais rico em detalhamento do desenvolvimento das crianças.

Assim, podemos afirmar que houve mudanças positivas na escrita dos mesmos. E essas mudanças positivas nos levam a compreender que as formações em serviço ofertadas no plano de ação causaram impactos não só na escrita dos relatórios como também em todo o processo de avaliação das crianças.

Pôde-se observar mudanças na forma de compreender a avaliação na educação infantil por parte do TRIO de pesquisa. Percebi também que as professoras compreenderam a importância de se escrever um relatório que traga o maior número de informações possíveis dos avanços de desenvolvimento das crianças, por se tratar de um documento avaliativo utilizado na Educação Infantil,

conhecimento que por vezes se passava despercebido pelo TRIO antes das formações.

Salientamos que o assunto não se esgota com essa pesquisa, e que vários pesquisadores podem trazer maiores contribuições para os temas aqui discutidos. Ademais, ao realizar a pesquisa, me atentei para outros temas nos quais vi relevância a serem pesquisados, inclusive a visão que a maioria dos professores tem de que não é função da Coordenação a formação continuada de professores. Percebi essa afirmação por diversas vezes ao colocar ao TRIO que os nossos encontros eram para formação e elas por vezes me perguntaram se viria alguém de fora da escola para fazer a formação, ou seja, questionando a legitimidade da função de formador do Coordenador Pedagógico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da pesquisa apresentada, norteados pela questão que remete aos impactos da formação em serviço para melhoria da escrita dos relatórios e a avaliação na Educação Infantil e seus instrumentos de suporte para escrita dos relatórios, apresentamos algumas considerações e ponderações relevantes que emergiram durante o processo de realização deste trabalho.

De início, o trabalho teve como inquietação a relação da abordagem de escrita dos relatórios, pois, no meu contexto de trabalho, alguns relatórios apresentavam uma escrita mais voltada para o desenvolvimento cognitivo das crianças, enquanto outros eram voltados para os aspectos sociais da criança e outros contemplavam aspectos do desenvolvimento motor, sendo que todos esses aspectos precisavam ser descritos nos relatórios, pois são complementares e relatam o desenvolvimento da criança como um todo. Caso contrário o relatório se torna um documento incompleto.

Assim, partiu-se do ponto de vista da importância de se ofertar as formações em serviço e pesquisar se essas formações causam impactos na escrita dos relatórios. Destaca-se a importância das formações em serviço para o trabalho do corpo docente que precisa se atualizar e modificar suas perspectivas em relação a sua metodologia de trabalho, ofertando assim para os alunos um trabalho de melhor qualidade.

A pesquisa foi desenvolvida com três professoras da EMEI Santa Isabel, onde atuo como coordenadora, a partir de momentos formativos com as professoras e por meio dos registros realizados por elas.

A pesquisa me possibilitou ter mais envolvimento com minha equipe de trabalho, percebendo que cada profissional tem seu tempo para desenvolver determinadas habilidades e como eu posso auxiliar a cada um dentro de seu tempo. Percebi também que através dos encontros para formações o espírito colaborativo vai se estreitando, fortalecendo a equipe enquanto uma equipe que compartilha e colabora.

Quanto às dificuldades apresentadas, são percalços encontrados na educação do nosso país em geral, o que não deve servir para desistência da formação de professores, que é um processo de suma importância para o crescimento do profissional do docente e da educação em geral.

Evidentemente, não se pretende esgotar a discussão de uma problemática de tamanha relevância para a Educação Infantil que é a avaliação e a escrita dos relatórios de desenvolvimento das crianças, como também a problemática das formações em serviço.

Desta forma, esta pesquisa representa uma pequena contribuição para o estudo e a reflexão acerca da importância da temática abordada. E deixa como questionamento a razão pela qual os docentes resistem em perceber como formação em serviço as atividades desenvolvidas pela Coordenação Pedagógica, valorizando e aceitando como formador apenas pessoas convidadas, ou seja, externas ao grupo da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. PLACCO, Vera Maria Nigro De Souza. (org.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo, 3ª Edição, Loyola, 2005.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Bookman, Artmed, 2009.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino**. Belo Horizonte: SMED, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional para a educação infantil**. Desafios da Prática: Avaliação na Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI, Ricardo, STELLA, Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexiva sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA, Itamar Mendes da. OLIVEIRA, Eduardo Augusto Moscon. VIEIRA, Alexandro Braga. MANSO, Márcia Helena Siervi. **Práticas de Coordenação Pedagógica na escola pública**. Curitiba: Appris, 2017.

SOARES, Maria Eduarda Noronha e NORONHA Maria Eduarda. **Construindo e aprendendo – Manual do educação Infantil**. Recife: Construir, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2019.